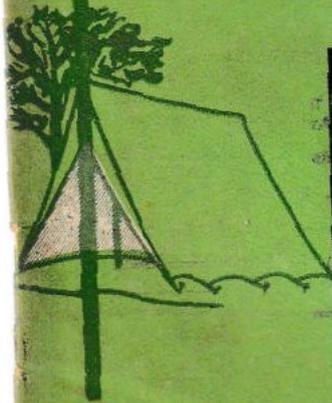


SEMPRE



Aleria!



N.º 72

MARÇO-ABRIL DE 1958

ANO XIII

UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

Sempre Alerta!

PERMUTA — A REVISTA "ALERTA!" SOLICITA PERMUTA COM OUTRAS PUBLICAÇÕES

AV. RIO BRANCO, 108 - 3.º — CAIXA POSTAL 1.734

TELEFONE: 42-3944 — ENDEREÇO TELEGRÁFICO "ESCOTISMO"

RIO DE JANEIRO (BRASIL)

REVISTA BIMENSAL ILUSTRADA, CONSAGRADA AO DESENVOLVIMENTO E DEFESA DO ESCOTISMO. E À EDUCAÇÃO MORAL, INTELECTUAL E FÍSICA DA MOÇIDADE BRASILEIRA

REPRESENTANTES — São representantes da revista "ALERTA!":

PERNAMBUCO — Arlindo Ivo da Costa — Caixa Postal 1.049 — Recife — Pernambuco
MINAS GERAIS — Dr. F. Floriano de Paula — Rua Siderose, 97 (Sto. Antônio) — Belo Horizonte — Estado de Minas Gerais.
SÃO PAULO — Lourival C. Pereira — Rua 24 de Maio, 104 - 14.º andar — S. Paulo — Estado de S. Paulo.
PARANÁ — Bernardo Masson — Rua Barão do Rio Branco, 36 — Apt. 3 — Curitiba — Estado do Paraná.
RIO GRANDE DO SUL — Lauro P. Nunes — Av. Amazonas, 1395 — Porto Alegre — Estado do Rio Grande do Sul.
PORTUGAL — Eduardo Ribeiro — Tr. Vitorino de Freitas, 9 (Ajuda) — Lisboa — Portugal.

SUMÁRIO

O Sentido do Reconhecimento Escoteiro	1
Um Dia de Formação	2
Insignia da Madeira — (Ilustração e Carta)	3
Conselho Interamericano de Escotismo — Plano	5
Acampamento de Patrulhas do Nordeste	20
Um Símbolo de Mulher	21
Um Jambori Mundial dos Escoteiros Rádio-Amadores	21
Palestras de Um Comissário Distrital	23
Acampamento da Serra da Piedade	26
Uma Experiência de Pioneiros Franceses	Capa 3

A FOTO DA CAPA

Grupo de Escoteiros de Nossa Senhora Medianeira e de São Sebastião de Haddock Lobo no Dia de Formação. Ao centro Frei Metódio, Assistente Religioso Católico da União dos Escoteiros do Brasil

Sempre Alerta!

Órgão da UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL

Diretor-Responsável: Ten. cel. LÉLIO GRAÇA

N.º 72

MARÇO-ABRIL DE 1958

ANO XIII

O Sentido do Reconhecimento Escoteiro

Estamos de parabens pelo feliz entendimento que reagrupou em torno da União dos Escoteiros do Brasil todos os Escoteiros do Ar de nossa pátria, que encetam uma nova marcha ao lado dos seus irmãos do Ramo básico e dos Escoteiros do Mar.

Completa-se o ciclo da Unificação dos órgãos escoteiros do Brasil e afirma-se bem alto os nossos sentimentos de cordial fraternidade.

Este fato vem consolidar a tese de que, em nosso país, só na União dos Escoteiros do Brasil se pode obter o Reconhecimento Escoteiro.

Perguntar-se-á, porventura: Qual o sentido desse Reconhecimento? Qual a firmeza de sua validade? Que forças o amparam?

O Escotismo, como todos sabem, é um sistema de educação para a boa cidadania. É um corolário de princípios éticos, de base religiosa. É um treinamento de aptidões e competências, tendo por método o campismo e o excursionismo. É o desenvolvimento do espírito de solidariedade e o adestramento em liderança, que se conseguem com o Sistema de Patrulhas.

Porém, o Escotismo é muito mais ainda.

Possuindo características próprias e inconfundíveis, que superaram as diferenças de raça, credo, condições sociais e econômicas, esse sistema transformou-se rapidamente num grande Movimento de orientação e de conduta, passando a constituir uma Grande Fraternidade Mundial, que une por laços

de amizade e solidariedade rapazes de todas as nações.

Quem já compareceu a uma reunião escoteira internacional, ou quem como Escoteiro visitou associações escoteiras de outros países, sabe como é acolhedor e confiante o sentimento de amizade que logo se estabelece, como se todos fossem velhos conhecidos. É que se estimam e se irmanam, como companheiros que são do mesmo ideal.

O sinal desse companheirismo, a marca dessa solidariedade, é a que advém do Reconhecimento Internacional da associação de cada país, e, internamente, do Reconhecimento e Registro concedido pela associação nacional a todos os Grupos seus jurisdicionados.

É óbvio que uma organização qualquer pode utilizar em seu benefício alguns dos métodos educativos do Escotismo, e isto é uma evidência do valor desse sistema.

Mas, a utilização total do conjunto de regras que constituem o sistema, o uso da denominação, gestos, terminologia, uniformes e atividades características, constituem privilégio do Movimento Escoteiro.

O Movimento Escoteiro é uno. É original. É seguro. É adaptado aos costumes e tradições de cada povo, mas conserva intangível a totalidade dos seus princípios básicos.

Só o Escotismo integral é genuíno. Só ele é verdadeiro. Só ele é Reconhecido.

Quando se determina que um Grupo Escoteiro obtenha Reconhecimento, a fim de que seja considerado de exis-

tência legal estamos não somente exercitando um direito assegurado pelas leis e pelo registro de propriedade industrial.

Acima disto, estamos cumprindo um dever para com a sociedade e a nação. Entendemos de nossa obrigação zelar pela integral aplicação dos princípios e métodos escoteiros por aqueles que pretendam utilizar-se da denominação desse Movimento e cuidar que todos estejam a altura da confiança que o público deposita em nós.

É preciso estar atento ao fato de que se em alguns casos deparamos com pessoas de boa fé e dedicação, em muitos outros teremos de agir firmemente contra os aproveitadores do bom nome dos Escoteiros.

A União dos Escoteiros do Brasil é a única entidade com Reconhecimento Internacional. A validade e firmeza desse Reconhecimento estão apoiados por cerca de 70 associações nacionais escoteiras de todos os países congregados na Conferência Internacional

Escoteira. São fortalecidos por mais de oito milhões de Escoteiros de todo o mundo e por vinte e cinco mil em todo o Brasil.

É apoiado e estimulado pelo Governo Brasileiro, pela Organização das Nações Unidas, Organização dos Estados Americanos e recomendado pela Conferência dos Chanceleres para a Consolidação da Paz, de Buenos Aires.

Dentro do Escotismo conciliam-se as duas tendências: o nacionalismo sadio e esclarecido e o sentimento de obrigações e deveres internacionais para com a Humanidade.

O sentido do Reconhecimento Escoteiro é um sentido de união. De solidariedade. De conagração.

É a fusão de forças patrióticas e consecutivas, encaminhadas no mesmo rumo. É a conjugação do esforço de todos, posta a serviço da juventude do Brasil.

José de Araujo Filho
Escoteiro-Chefe

UM DIA DE RECOLHIMENTO E FORMAÇÃO

Os Grupos Escoteiros 44 e 76, respectivamente, de São Sebastião da rua Hadock Lobo e Nossa Senhora Medianeira realizaram com pleno êxito um dia de Recolhimento e Formação consagrando suas atividades de domingo, dia 13 de abril, ao Criador do Mundo, começando o dia com Comunhão Geral na Igreja de São Sebastião, dos Capuchinhos, prolongando atividades de caráter piedoso até às 17 horas.

Após a Missa das 8 horas, com a presença de uns 70 escoteiros, chefes e dirigentes em que todos participaram do Sacramento da Eucaristia, foi servido o café seguindo-se uma série de cânticos e palestras sobre a vida religiosa do escoteiro a cargo do Revmo. Frei Metódio, Assistente Religioso Católico Nacional, auxiliado pelos Chefes Vinícius e Lélío.

Antes de iniciada a Missa foi hasteada a Bandeira Nacional na sede do Grupo 44, presidindo a cerimonia o

Comissário Nacional de Publicações Lélío Graça.

Ao meio dia foi servido o almoço por patrulhas e às 13.30, depois de inspecionados os Grupos Escoteiros pelo Chefe Maia partiram todos, formados, para o Colégio da Medalha Milagrosa afim de realizarem uma visita ao Monumento de Nossa Senhora das Graças. No alto da colina, junto ao Monumento, o Chefe João Batista entreteve os escoteiros com uma palestra explicativa da devoção a Nossa Senhora das Graças e dos motivos que presidiram a ereção daquele Monumento.

De volta desta excursão os escoteiros se entregaram aos trabalhos de relatar e recapitular as atividades do dia, sendo premiados os melhores relatórios apresentados.

As 17 horas encerrou-se este Dia de Formação, depois que os escoteiros procederem ao arreamento da bandeira e de assistirem a Benção do SS. Sacramento.





Lê

Caro Chefe :

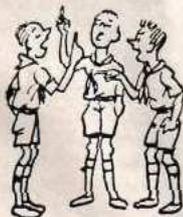
Tenho grande satisfação em saber que você está preparando a sua Parte I do Curso da Insignia de Madeira, e estou certo de que ganhará muito com isso para benefício de seus Escoteiros — o que é, sem dúvida, o único objetivo do adestramento.

Em nenhuma hipótese, por favor, não veja a Parte I como um exame! Se qualquer das questões o deixar confuso (o que bem pode acontecer) procure, onde puder, um conselho ou uma explicação. Quanto maior é o número de consultas que a preparação da PARTE I provoca, mais eu gosto dela. Na verdade, foi feita exatamente para isto!

Muitos Distritos Escoteiros julgaram útil organizar "Grupos de Discussão" baseados no Questionário, e acho muito recomendável o uso desta técnica de esclarecimento.

Na preparação destes Estudos são muito valiosos os livros abaixo mencionados; se você já os leu, certamente poderá voltar a lê-los com prazer e proveito:

- "Escotismo para Rapazes"
(Scouting for boys)
- "P. O. R." (Regulamento
Técnico Escoteiro)



Discute

— No Brasil dirigir sua Correspondência para o Comissário Nacional de Adestramento — Rua Frei Caneca, 1.046 — Bela Vista — São Paulo.

— NO PRÓXIMO NÚMERO PUBLICAREMOS O PROGRAMA DO CURSO.

Carta do Chefe de Campo de Gilwell Park



Observa

Para a Parte I de Escoteiros

- "Guia do Chefe Escoteiro" (Aids to Scoutmastership)
- "Dirigindo um Grupo Escoteiro" (Running a Scout Group)
- "Como dirigir uma Tropa" (How to run a Troop)
- "Manual do Monitor" (The Patrol Leader's Handbook)

Para a Parte I de Lobinhos

- "Manual do Lobinho" (The Wolf Cub's Handbook)
- "Lobinhos" (Wolf Cub's de Gilcraft)
- "Como dirigir uma Alcatéia" (How to Run a Pack)

Estou seguro que terá grande prazer nesta parte de seu adestramento, e espero que, se ainda não o fez, aproveite a primeira oportunidade para tomar parte num Curso de Adestramento Preliminar, e que depois complete a tarefa fazendo a Parte II (em acampamento) da Insignia de Madeira. As datas dos próximos Cursos são anunciadas com antecedência.

Se tiver qualquer dificuldade especial para completar o seu adestramento, traga o seu problema ao meu conhecimento que procurarei ajudá-lo. (1)

Boa sorte nos seus esforços

JOHN THURMANN
Chefe de Campo

John Thurmann
Chefe de Campo



Escreve

Plano de Trabalho do Conselho Interamericano de Escotismo Para 1958

A XVI Conferência Internacional de Escotismo reunida em Cambridge, na Inglaterra, em agosto do ano passado, deu a sua formal aprovação ao magnífico plano quinquenal de ação do Comitê Internacional conhecido pelo nome de "Operação Jubileu". Por outro lado, a IV.^a Conferência Interamericana de Escotismo, realizada no Rio de Janeiro em fevereiro de 1957 aprovou numerosas resoluções que norteiam o trabalho do Conselho Interamericano no seu atual período quadrienal.

São as seguintes as metas assinaladas pela "Operação Jubileu" a serem cumpridas na

AMÉRICA LATINA

- i. Designar o pessoal adicional a fim de prestar ajuda ao atual Comissário Executivo Regional.
- ii. Ajudar no desenvolvimento do programa regional de adextração.
- iii. Cooperar em, e estimular a celebração de acontecimentos escoteiros regionais.
- iv. Ajudar o desenvolvimento do Escotismo nas Associações que são simpáticas ao movimento.
- v. Cooperar com os ramos regionais de Associações Escoteiras da Europa.
- vi. Incrementar a publicação de livros, folhetos, etc., no idioma do país.
- vii. Melhorar o conteúdo e a circulação da "Revista Scout de las Américas".

A fim de ir executando parte destas metas durante o ano de 1958, aplicando, ao mesmo tempo, as resoluções do Rio de Janeiro, o Conselho Interamericano de Escotismo aprova a execução das seguintes tarefas:

COMO ORGANISMO

- 1) Levar a bom termo as funções que lhe foram assinaladas na "Constituição" da Conferência e do Conselho Interamericano de Escotismo, aprovada no Rio de Janeiro.
- 2) Continuar complementando as resoluções, recomendações e sugestões originárias da IV.^a Conferência Interamericana de Escotismo e contidas em sua ata final.
- 3) Estabelecer um plano para a consecução de um "Salão", no Chalet Escoteiro Internacional de Kandersteg

(Suíça) com o nome de "Sala das Américas", para o que se pedira a Secretaria Internacional de Escoteiros autorização, promovendo-se, em seguida, uma coleta entre os escoteiros do Novo Mundo para o conseguimento da importância de mil dólares.

4) Nomear o Vogal Dr. Baltazar Caravedo para representar o Conselho no Terceiro Congresso Latino Americano de Saúde Mental, a realizar-se em Lima, em Outubro do corrente ano, elaborando para este fim, a memória correspondente ao tema "O Método Escoteiro e a Saúde Mental". Fica designado suplente desta representação, o Sr. Ricardo Palma, da Associação Nacional dos Escoteiros Peruanos.

5) Aceitar a data proposta pela Venezuela, para a realização da V.^a Conferência Interamericana de Escotismo em Caracas, em Agosto de 1960. Os membros que se elegerem nessa Conferência tomarão posse em fevereiro de 1961, a menos que a própria Conferência resolva o contrário.

6) Celebrar a reunião anual de 1959 em Lima, Perú, durante os dias 23 e 24 de janeiro, ficando o Dr. Baltazar Caravedo, Vogal, designado para esse fim. A reunião correspondente a 1960 será realizada em La Habana, Cuba, em janeiro do referido ano.

FINANÇAS

7) Estimular o pagamento das cotas por parte das Associações e possibilitar novas fontes de receita que permitam tornar em realidade os demais aspectos deste Plano de Trabalho.

8) Aprovar a seguinte Estimativa para 1958 que se remeterá ao Secretariado Internacional de Escoteiros para a sua ratificação ou retificação:

DESPESAS

Equipamentos de Secretaria	US\$ 1,000.00	
Adextramento, incluindo o próximo Curso de Profissionais	US\$ 3,500.00	
Administração e funcionamento da Secretária	2,000.00	
Publicações (Incl. a "Revista Scout de las Americas)	4,000.00	
Pagamentos, gratificações e Seguros (inc. Comissário Executivo Regional, Comissário Viajante e Pessoal da Secretaria	14,000.00	
Viagens	2,000.00	
Vários	715.00	
		<u>\$27,215.00</u>

RECEITAS

Contribuição do Secretariado Central	17,500.00	
Cotas das Associações	3,375.00	
Donativos	1,540.00	
Subscrições e vendas da Revista	2,000.00	
Venda de Literatura	400.00	
Vários	400.00	
Deficit possível	2,000.00	<u>\$27,215.00</u>

ADEXTRAMENTO

9) Aprovar e estimular dentro das Associações Membros o seguinte plano de ampliação de efetivos nas equipes de adextramento Nacionais e Internacionais:

<i>Argentina</i>	<i>Bolívia</i>	<i>Brasil</i>	<i>Colômbia</i>
1 D.C.C.	1 A.D.C.C.	1 G.Ak.	1 A.D.C.C.
2 A.D.C.C.		2 A.D.C.C.	
2 A.G.Ak.		2 A.G.Ak.	
		1 A.D.C.C.R.	
<i>Costa Rica</i>	<i>Cuba</i>	<i>Chile</i>	<i>Equador</i>
1 A.D.C.C.	1 G.Ak.	1 D.C.C.	1 A.D.C.C.
	2 A.G.Ak.	2 A.D.C.C.	
	2 A.D.C.C.	2 A.G.Ak.	
	1 A.D.C.C.R.		
<i>El Salvador</i>	<i>Guatemala</i>	<i>Haiti</i>	<i>México</i>
1 A.D.C.C.	1 G.Ak.	2 A.G.Ak.	2 D.C.C.
	1 A.G.Ak.	2 A.D.C.C.	4 A.D.C.C.
			1 G.Ak.
			3 A.G.Ak.
			1 D.C.R.
			1 A.D.C.C.R.

<i>Nicarágua</i>	<i>Panamá</i>	<i>Perú</i>	<i>Rep. Dominicana</i>
1 A.D.C.C.	2 A.D.C.C.	1 A.D.C.C.	1 A.D.C.C.
	<i>Uruguai</i>	<i>Venezuela</i>	
	1 A.D.C.C.	1 G.Ak. 2 A.D.C.C. 1 A.G.Ak.	

10) Patrocinar e estimular a frequência ao Curso para Deputados Chefes de Campo e Guias de Akelás (Kyn-tire, Jamáica, de 29 março a 2 de abril de 1958 e a II Conferência da Equipe Internacional de Adextramento no Hemisfério Ocidental, no Shortwood Training College, Kingston, Jamáica, de 3 a 7 de abril de 1958) como meio de proporcionar a expansão dos quadros de dirigentes de adextramento na América Latina. A Secretaria Executiva se encarregará de duplicar seus esforços referentes a propaganda destes acontecimentos.

11) Promover a realização de cursos de comissário durante o ano de 1958 nos seguintes países:

Brasil, (2.º) — (México, (3.º) — Cuba, (2.º) — Centroamérica, (1.º) — Argentina, (1.º) — Colômbia, (1.º) e Venezuela, (2.º).

12) Solicitar a colaboração das seguintes associações, na celebração de Cursos da Insignia da Madeira em 1958:

Panamá	Escoteiros e Lobinhos
Cuba	Escoteiros
Guatemala	Escoteiros e Lobinhos

Chile	Escoteiros e Lobinhos
Argentina	Escoteiros e Lobinhos
Brasil	Escoteiros e Lobinhos
Venezuela	Pioneiros, Escoteiros e Lobinhos
México	Escoteiros
Barbados	Lobinhos e Escoteiros
Jamaica	Escoteiros
Trinidad	

13 Promover em 1958, com ajuda das Associações do Comissário Viajante, a realização de Cursos Preliminares reconhecidos naqueles países que nunca os efetuaram.

São eles El-Salvador, Honduras, Panamá, Colômbia, Perú, Uruguai, Bolívia e Paraguai.

SERVIÇO PROFISSIONAL

14 Promover nova exortação, pelo Presidente do Conselho Interamericano de Escotismo aos Chefes Escoteiros das Associações Membros para que aproveitem das excepcionais oportunidades que oferece o 2.º Curso de Profissionais (Schiff Scout Reservation), de 19 de maio a 17 de junho, para iniciar, melhorar e incrementar o seu Serviço Profissional.

LITERATURA ESCOTEIRA

15) Publicar as seguintes obras e folhetos em 1958:

Memória da IV. ^a Conferência	300	exemplares	—	Imp.
Simposium de Baden Powell	1000	"	"	"
Ideário de Baden Powell	1000	"	"	"
Plano de Conservação	1000	"	"	"
Campanha de Extensão e Proselitismo	1000	"	"	"
Manual de Relações Públicas	1000	"	"	"
Manual de Finanças	1000	"	"	"
Manual de Comissários Internacionais	100	"	"	Mimeógrafo
Regulamentos Internos	200	"	"	"
Curso de Comissários	100	"	"	"
Curso de Guias de Patrulhas	500	"	"	"

REVISTA SCOUT DE LAS AMERICAS

16) Dar prestígio à Revista Scout de Las Americas com a colaboração das Associações Membros, para por em evidência os artigos de interesse para os Dirigentes Escoteiros e Comissários pondo, deste modo, em execução o que ficou resolvido na IV.^a Conferência Interamericana de Escotismo.

17) Encorajar as Associações Membros que ainda não o fazem para que publiquem, ainda que seja em forma modesta ou mimeografado, o seu órgão de divulgação (Revista ou Boletim), a fim de que ao fazer-se o relato do movimento escoteiro na América Latina, em 1960, (Caracas), na V.^a Conferência Interamericana seja possível informar-se que todas as associações da área possuem seu órgão publicitário.

18) Insistir junto das Associações Nacionais para que nos favoreça com as seguintes ajudas para a Revista de las Americas:

- a) Designação de Agentes-Correspondentes ativos e de responsabilidade;
- b) Publicações de anúncios da Revista Scout de las Americas em suas Revistas Nacionais para Escoteiros;
- c) Assinatura coletiva dos membros do Conselho Nacional e Comissários;
- d) Obtenção de pelo menos, um anúncio institucional mensal de caráter permanente;
- e) Envio oportuno de notícias de seus principais acontecimentos regionais e nacionais;
- f) Remessa de artigos técnicos próprios para Escotistas.

RELACIONES PÚBLICAS E PUBLICIDADE

19) Nomear o Sr. Armando Bayo (México) Assessor de Relações Públicas para que ajude o Conselho nas missões que lhe forem designadas ou quando solicitado pelas Associações Escoteiras.

20) Por em prática os planos de Relações Públicas aprovados pela IV.^a Conferência Interamericana, com limitações, em virtude da escassez orçamentária, aos seguintes itens;

a) Editar em impresso ou mimeografado os folhetos:

- Quem são e o que fazem os escoteiros;
- Alguma Coisa sobre Escoteiros;
- Bases Fundamentais;
- O Escotismo e a Igreja Católica;
- O Escotismo e as Igrejas Protestantes;
- O Escotismo e a Educação (Pedagogia);
- Escotismo e Rotarismo;
- Escotismo e Leonismo;
- Escotismo e Câmaras Júnior;
- Como Organizar uma Alcatela de Lobinhos;
- Como Organizar uma Tropa Escoteira.

b) Criar um cartaz escoteiro com o lema *O Escoteiro a Serviço da Comunidade*;

c) Gravar em Espanhol o filme "Escotismo de Extensão";

d) Adquirir mais dois filmes para uso do Comissário Viajante em suas excursões;

e) Expedir uma carta circular anunciando os lugares onde se pode adquirir filmes escoteiros por compra ou empréstimo, incluindo Associações, Embaixadas, etc.;

f) Organizar uma coleção demonstrativa de atividades escoteiras para uso pessoal do Comissário Viajante do Secretariado Interamericano.

21) Ir pondo em prática o Esquema de Organização deste Secretariado na Forma como foi apresentado pelo nosso Presidente a IV.^a Conferência Interamericana de Escotismo e por esta aprovado. Espera-se que em 1959 completo este Esquema de Organização ao contratar-se os serviços de um Comissário Administrativo.

22) Contratar os serviços do Senhor Humberto Passos como Comissário do Conselho, afim de que o Secretário Viajante, sob a Direção do Comissário Executivo Regional e Secretário riado possa ampliar seu raio de ação e cumprir as resoluções aprovadas pela Conferência do Brasil sobre "Consolidação e Expansão do Conselho Interamericano de Escotismo. Caso se torne efetivo o Crédito de 1.500 dólares

anuais destinadas pela Organização dos Estados Centro-Americanos, correspondentes ao projeto associado com a ODECA, o Sr. Passos destinaria a melhor parte de sua atenção e grande parte de seu tempo a América Central.

23) Quando se obtiver o local apropriado para instalação do Secretariado Interamericano de Escotismo, por cessão do Governo de Cuba ou por outra entidade qualquer, fazer a instalação e a decoração segundo os delineamentos seguintes:

- a) Conseguir a ajuda gratuita de uma firma de decoração de La Havana;
- b) Solicitar das Associações Mem-bros:
 - i. Bandeira Nacional de 0m,91 x 1m,82;
 - ii. Alguma amostra folclórica que identifique plenamente o país em apreço;
 - iii. Uma coleção de suas insígnias e distintivos;
 - iv. Uma coleção de sua literatura.

PROJETOS PRINCIPAIS

Durante os quatro anos de duração do presente Conselho serão executados os dois Projetos Principais, devendo cumprirem-se, durante o ano de 1958, as seguintes metas principais:

Plano de Extensão e Proselitismo

- i. Publicar um Manual dando a conhecer às Associações Escoteiras Nacionais este Plano de Expansão recolhendo as exposições apresentadas na Conferência do Rio de Janeiro e outras informações que sejam de utilidade;
- ii. Dar a conhecer, com a máxima amplitude possível nos meios escoteiros, o lema que a IV.^a Conferência aceitou para esta Campanha: "Rompendo a Barreira dos Cem Mil Escoteiros";

- iii. Divulgar, largamente, os requisitos para obter-se a "Insígnia de Organizador" e solicitar das Associações que adotem essa divulgação como parte de sua contribuição a este Plano de Expansão;

- iv. Dar ampla publicidade aos números a que os Escoteiros de cada país deverão alcançar, nas diferentes associações, para que se possa atingir ao número previsto de 100.000 Escoteiros na América Latina antes da V.^a Conferência em Caracas (1960);

- v. Solicitar das Associações Nacionais que ao planejar sua participação nesta Campanha de Extensão e Proselitismo concentrem seus esforços para o alcance dos seguintes objetivos:

A) Conquistar adultos dirigentes por meio de literatura adequada, visitas, palestras, Cursos de Informação em clubes (Lions, Rotary) bem como Associados Religiosos, Câmaras de Comércio, Organizações Industriais e Bancárias;

B) Recrutar, selecionar, adextrar e dar missão ao maior número possível de Escotistas e Comissários, visando como principais fontes de proselitismo, as Associações Paroquiais, as Associações de Pais, Vizinhos e Mestres, Associações de Antigos Alunos, Professores, Antigos Escoteiros, etc.;

C) Divulgar amplamente o Escotismo nas Igrejas, Colégios, Centros de Recreio, por meio de palestras, cartazes, projeções, exposições, etc. como meio de interessar a que possíveis escoteiros tragam para movimento adultos que os dirijam.

Plano de Conservação

- i. Publicar a Exposição sobre Conservação dos Recursos Naturais aprovada pela IV.^a Conferência Interamericana;

- ii. Estimular o uso das Especialidades de Conservacionista, para isso divulgando os requisitos correspondentes;
- iii. Editar uma carta popularizando o Plano de Conservação;
- iv. Estimular a realização de, pelo menos, um Curso de Conservação em cada um dos países membros, encarecendo a necessidade de aplicá-lo largamente dentro do território nacional;
- v. Lembrar às Associações Membros a conveniência de concentrar os trabalhos de conservação em uma ou duas metas lógicas e práticas, fáceis de cumprir.

CADA MEMBRO DENTRO DE SUA ÁREA

- a) Manter correspondência informativa e visitar as Associações Escoteiras Nacionais, sempre que possível;
- b) Fazer estudos sobre as datas mais apropriadas, levando em conta, para isso, as férias escolares de sua área, relativamente a celebração de acontecimentos escoteiros nacionais e regionais;
- c) Promover a realização de Acampamentos Nacionais e Camporís, etc.
- d) Manter informado o Conselho Interamericano de Escotismo do desenvolvimento e progresso do Movimento em sua área;
- e) Colaborar com o Conselho Interamericano de Escotismo na manutenção da Revista Scout de las Americas, enviando informações apropriadas e escrevendo artigos de qualquer natureza, porém preferentemente técnicos e doutrinários do Escotismo;
- f) Estimular assinaturas e anúncios na "Revista Scout de las Americas";
- g) Procurar que as associações escoteiras do país contribuam, regularmente, com suas cotas para o Conselho Interamericano de Escotismo e para o Secretariado Internacional;
- h) Estimular a assistência de dirigentes ao Segundo Curso Internacional de Profissionais.

EM ESPECIAL

Presidente diaz Legórburu (Venezuela):

- a) Desempenhar as funções atribuídas ao Presidente pelo artigo 1.º do Regulamento Interno;
- b) Manter relações especiais com o Comité Internacional de Escoteiros e com outras organizações internacionais;
- c) Estimular o pagamento das cotas das Associações e estudar a possibilidade de novas fontes de receita;
- d) Iniciar os trabalhos preliminares para a realização da V.ª Conferência Interamericana de Escotismo em Caracas, em 1960.

Vice-presidente Pina Estrada (Cuba)

- a) Continuar as tentativas para conseguir um local gratuito para o Secretariado do Conselho Interamericano;
- b) Continuar nas tentativas para a obtenção de franquias postal e outras facilidades para a sede do Conselho;
- c) Atender, junto com o Vice-presidente Honorário Dr. Romeu, o Assessor Religioso, Monsenhor Muller e o Secretário Executivo Engenheiro Fernandes, a realização de esforços para que os dirigentes escoteiros de outros países visitem o Secretariado do Conselho em La Habana.

Vogal Caravedo (Perú)

- a) Executar um trabalho sobre "Escotismo e Saúde Mental para publicar em forma de folheto pelo Conselho Interamericano de Escotismo";
- b) Conseguir acordos de apoio ao Escotismo nas Conferências Internacionais e Interamericanas de Pediatria, Higiene Mental, etc.;
- c) Cooperar com a Associação de Escoteiros do Chile na realização de Cursos de Insignia da Madeira, sugerindo-lhe convidar as Associações vizinhas;
- d) Esforçar-se por que as Associações de Escoteiros de Bolívia e Perú realizem seus primeiros Cursos Preliminares reconhecidos.

Vogal Espinosa (México)

- a) Manter, em nome do Conselho, relações com a Editôra Escoteira;
- b) Convidar as Associações Escoteiras vizinhas a que frequentem os Cursos de Insignia da Madeira que se realizam no Campo Escola de Camomila.

Vogal Figueira de Melo (Brasil)

- a) Cooperar com o Conselho Interamericano de Escotismo na tradução para o Português dos documentos importantes que devem circular no Brasil;
- b) Manter, em nome do Conselho, relações com a Editôra Escoteira afim de assegurar a melhor e mais ampla cooperação;
- c) Propiciar a edição portuguesa da Memória, interessando-se pela sua mais ampla distribuição no Brasil;
- d) Fazer com que sejam expedidos convites às Associações vizinhas para que participem nos Cursos da Insignia da Madeira que se realizem no Brasil.

Vogal Hernandez Vindas, (Costa Rica)

- a) Colaborar intensamente nos preparativos para a realização do IV Camporee Centro Americano, em Costa Rica, em 1959;
- b) Estimular a frequência de dirigentes escoteiros de sua zona aos Cursos de Insignia da Madeira que se realizam na América Central;
- c) Manter relações de colaboração com a Organização dos Estados Centro-Americanos com sede em San Salvador;
- d) Dar ajuda especial e direta a novel e reconhecida Associação de Escoteiros de Honduras.

Vogal Mordecai (Jamaica)

- a) Elaborar um plano de colaboração mútua entre o Conselho Interamericano de Escotismo e os ramos escoteiros na América, de Associações européias: Britânicas, Francesas e Holandesas;
- b) Estimular a assistência de contingentes escoteiros dos ramos de Escoteiros britânicos, franceses e holandeses ao II Jambori de Caribe, a realizar-se em Cuba, em 1958;
- c) Promover o censo escoteiro de sua área.

Vogal Valejos (Argentina)

- a) Continuar — em estreita colaboração com o Conselho Interamericano de Escotismos — as tentativas tendentes a constituir a Editôra Escoteira Argentina, afim de produzir obras escoteiras a baixo preço para os países de moeda "blanda" da América do Sul;
- b) Dar ajuda especial e direta à jovem Organização Escoteira do Paraguai, para conseguir o seu reconhecimento internacional o mais breve possível.

Este Plano foi aprovado na Reunião Anual do Conselho Interamericano de Escotismo, realizada nos dias 17, 18 e 19 de janeiro de 1958.

Traduzido pela Revista "Sempre Alerta".



O Grupo Escoteiro Completo

por Castor Riisonho

A grande maioria dos leigos em Escotismo, e mesmo alguns dos participantes do nosso Movimento, julgavam que a unidade mais importante de um Grupo era a Tropa de Escoteiros.

Os que assim pensavam poderiam ter razão se ainda prevalescessem os velhos enganos de que o Escotismo é apenas para os rapazes de 11 a 15 anos, pertencentes portanto à Tropa de Escoteiros. Os de outras idades, sejam os Lobinhos, de 7 a 11 anos, sejam os Escoteiros Seniores, de 15 a 18 anos, ou sejam os Pioneiros, de 18 a 23 anos, seriam apenas anexos em que os meninos esperariam a idade de 11 anos, no caso dos Lobinhos, ou permaneceriam no Movimento como uma mera extensão após a idade de 15 anos, no caso de Seniores e Pioneiros.

Mas felizmente estas idéias já estão ultrapassadas e os que a elas se filiam precisam atualizar-se sob pena de continuarem retrógrados.

A idéia correta é que o Escotismo é um movimento para a formação de caráter através da continuidade de seus participantes nas várias Seções: Lobinhos, Escoteiros, Seniores e Pioneiros. O resultado para a formação do bom cidadão será tanto melhor quanto maior for a permanência do rapaz no Escotismo, sendo portanto ideal que ele ingresse no Movimento como Lobinho.

Sendo as Seções divididas de acordo com as idades em que se desencadeiam as maiores mutações da personalidade (11, 15 e 18 anos), é claro que cada Seção deve ter metodologia e atividade próprias, adequadas àquelas idades.

Assim, o Sistema de Patrulhas só tem desenvolvimento a partir da Tropa de Escoteiros, os Seniores precisam de uma grande atenção individual e os Pioneiros agrupam-se esporadicamente em razão de um interesse comum, para citarmos apenas algumas das particularidades das metodologias destas Seções.

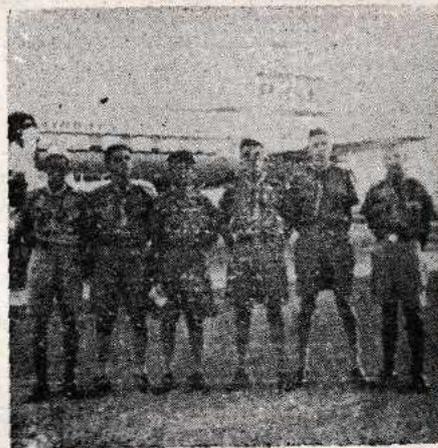
Igualmente as atividades devem ser

diversas, não apenas para atender aos diferentes ansêios, como ainda para permitir novidades de uma Seção para outra: entre outras atividades típicas, os Lobinhos fazem pequenas excursões, os Escoteiros acampam, os Seniores realizam grandes aventuras (e até escaladas), e os Pioneiros ajudam nas Chefias e debatem problemas sociais.

Por todo o exposto acima, somente o Grupo Escoteiro completo, isto é, que tenha as quatro Seções, terá todas as possibilidades para um bom resultado na formação dos rapazes que deles participam.

Esta norma terá melhor aplicação ainda se a Chefia de cada Seção for adequada para a mesma, evitando-se acúmulo de funções para um só Chefe e atendendo-se às inclinações naturais ou maior preparo de cada um deles para lidar com rapazes de uma ou outra determinada idade.

Dêse modo os Grupos Escoteiros que ainda não estejam completos devem promover esforços para alcançar o objetivo ideal que é o funcionamento das quatro Seções, permitindo que os seus participantes cresçam e se desenvolvam pertencendo a um só Grupo com a devida continuidade.





Uma casa Tapirapé, com seu alpendre, sua clássica rede, seu fogo e a porta lateral

VIAGEM AO RIO ARAGUAIA

Sendo assistente do G. E. Itapuan, tomei a liberdade de convidar dois escoteiros seniores da Tropa, para me acompanharem numa grande e belíssima aventura: uma viagem pelo rio Araguaia. Foram escolhidos o Paulo, monitor da Patrulha Jaguar, e o Alexandre, sub-monitor da mesma patrulha.

Finalidade: eu, para visitar os missionários, que lá trabalham na evangelização dos índios; eles, viagem de recreio e de prêmio.

Partimos pela Cruzeiro do Sul, e só voltamos um mês depois, pela FAB.

Aquí tenciono apenas contar um pouco da nossa maior aventura durante esse tempo, uma aventura que durou oito dias: uma viagem, entre outras, em busca dos índios Tapirapés.

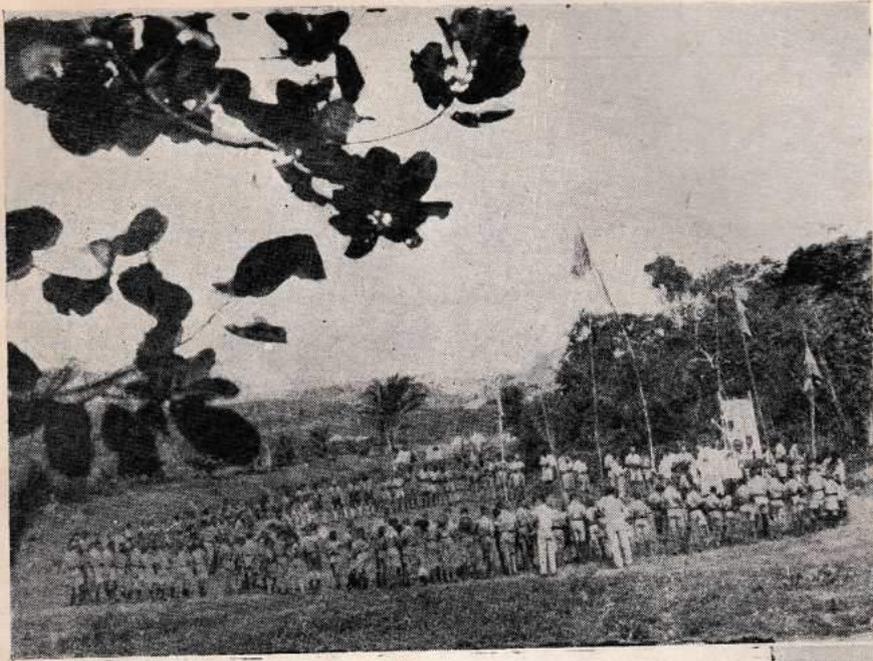
Nossa base era o convento dos padres dominicanos, em Conceição do

Araguaia, na margem esquerda do rio Araguaia, no Estado do Pará. Passamos em silêncio as duas semanas de preparação de nossa grande aventura, lá no convento, que aproveitamos para pequenos passeios pelas redondezas, a cavalo, sob a orientação do Frei Pio, ótimo amigo. Não nos detemos tão pouco, nas visitas e pescarias diárias com os índios Carajás, que habitam em frente ao dito convento, nem nas manobras do Alexandre para aprender a fazer tudo aquilo que os índios faziam, donde lhe vieram algumas feridas e calos. Em todo caso, diga-se de passagem, o sub-monitor da Jaguar soube aproveitar bem dessas travessuras, pois voltou para a sua civilizada cidade de São Paulo, périto como arqueiro e como fabricante de flechas. O que, aliás, lhe valeu o respectivo distintivo de especialidade...

Foi assim, que, um belo dia, às oito horas da manhã, partimos, subin-

Acan
de P
do M

Notici



Em cima: Missa Campal

Em baixo: Depois da bóia vamos ao "lavatório"



Grupo de

amento
trulhas
ordeste

na página 20



Em cima: Na hora do bate-papo

Em baixo: Panela que muitos mexem...



alitores Promissores



do o rio. O superior do convento nos emprestou seu barco e um motor de popa, de 5 cavalos. Arrajamos um bom piloto (sem o qual qualquer viagem pelo Araguaia seria um suicídio), e um índio carajá, que serviria de proeiro e de pescador. Este se chamava Utariá.

O frei Pedro, o bom frei Pedro, se encarregou de por no "nosso" barco as provisões essenciais. Como tínhamos a intenção de levar, durante esses dias, a mesma vida dos viajantes nativos daquelas paragens, essas provisões consistiam em: farinha puba, arroz, açúcar, sal, café, e um rifle 22 para arranjar carne pelo caminho. Mais: 8 latas de gasolina, cartuchos, e o material necessário para a Missa.

E assim, demos ordem de largar, e teve início a mais bela viagem de nossa vida. O Araguaia, o mais belo rio do mundo, é de uma poesia sem igual. As vezes atingindo sete quilômetros de largura, é bordado de praias intermináveis, campos e a mata virgem, impenetrável. Pelo caminho encontramos nada menos de 10 aldeias de índios carajás, sempre nas praias, cantando, brincando e pescando. Nosso horário era dos mais simples possíveis: parávamos para dormir, quando tínhamos sono; comíamos quando tínhamos necessidade. Não existia para nós nem calendário nem relógio. Existia apenas o êxtase formidável daquela beleza infinita que se desdobrava aos nossos olhos em cada curva do rio. Os bandos de aves selvagens voavam sem cessar: patos, marrecos, mangoaris, sararás, mergulhões, ciganas, garças, jaburús, etc..., sem contar os inúteis tiros de vinte e dois em pacíficos jacarés e tracajás, na ânsia de têmos no nosso cardápio uma "rabadá" ou um tracajá cozido no casco, pratos tão falados, e na verdade tão gostosos, quando preparados à maneira nativa. De vez em quando os famosos banzeiros, que são as ondas do rio enfurecido, que realmente são perigosíssimas, quando o piloto não tem a suprema habilidade do nosso. Outras vezes eram os rebojos e as corredeiras ou cascatas, que, com a maior facilidade o nosso velho piloto nos fazia su-

bir, para cúmulo de admiração dos ultra-civilizados paulistas.

Três dias depois da nossa partida de Conceição, avistamos a ponta da ilha do Bananal, onde há o encontro dos



Geralmente cada tribo tem um tipo diferente de flecha. No desenho A) é a flecha carajá e B) é a Tapirapé, em tamanho proporcional. O carajá vive da pesca e da caça de aves. Sua flecha é muito menor e mais frágil. O tapirapé, além da pesca, costuma caçar animais da mata, grandes e fortes. Sua flecha, maior e muito mais forte, é melhor adaptada para esse uso.

Note-se também que o corte posterior da flecha carajá é de cima para baixo, ao contrário da tapirapé, que é de baixo para cima.

rios Araguaia e Javahé. No quinto dia entramos no rio Tapirapé, em cujas margens habitam os índios do mesmo nome, dos quais falaremos logo mais.

Ao sairmos, os padres, desconhecedores de nossa vida de escoteiros, temiam pela nossa segurança e pelo nosso conforto. Realmente, era de temer que paulistas, quatrocentões, habituados ao imenso conforto da grande cidade, não se habituassem tão cedo às angústias daquela vida. Onde dormir? Como fazer a comida? Onde arranjar o que comer nessas praias e nessas matas, onde se viaja 3, 4 dias sem encontrar uma só pessoa?... É claro que os padres, velhos missionários, e os nativos, já tinham o costume daquela vida, e sabiam, portanto, se "virar" da melhor maneira possível. Mas, ... e nós?! — Pois bem, NÓS: nós nos "viramos" da melhor maneira possível. O Alexandre, desde o primeiro dia foi solenemente nomeado cozinheiro da expedição. O Paulo, para salvaguardar sua dignidade de monitor, era lenhador e caçador. Quando faltava carne, havia sempre os bandos de aves enormes e gostosíssimas a desafiarem nossa pontaria; e os peixes facilísimos, que pegávamos quase sem precisar do índio que, na proa do barco, os flechava. Quando o sol chegava ao meio do céu, escolhíamos um lugar apropriado, sempre a conselho do piloto ou do Utariá, e aí fazíamos nossa comida. O fogo não era feito pela fricção de dois pausinhos mas usávamos nossa boa provisão de fósforos. À noite, quando o sono apertava, qualquer praia servia. Ai armávamos nossas redes em páus enfiados no chão, e adormecíamos olhando a lua. De manhã, fervíamos a água, e para não perder tempo, fazíamos o café já com o barco em movimento. O pão, era feito por nós!

E assim, não podíamos nos esquecer de que éramos escoteiros, num lugar onde sem um pouco de técnica esportiva ninguém consegue viver. E não era o nosso piloto nem o Utariá quem perdia de nós em técnica esportiva, mas bem pelo contrário!

Foi no terceiro dia. Avistamos uma grande aldeia de Carajás, que depois viemos a saber que se chamava Aldeia do Norte. Rumamos para lá. Com medo, pois era o nosso primeiro contato com índios verdadeiramente selvagens. Esse medo, seja dito sem tardar, foi inútil. Pois logo que nosso barco encostou na areia, no meio das ubás, logo nos cercaram, curiosos, e falando um português quase incompreensível, nos perguntaram se tínhamos remédio de "tori" (Tori, é, na língua deles, todo homem que não é índio). Percorri a aldeia, e encontrei uns 30 índios com febre alta. Logo após nossa chegada, chegaram duas freiras, que no seu barco traziam uma grande quantidade de injeções contra gripe. Foi a maior distribuição que já fiz de melhorais e de picadas de agulha. À noite, fizemos nosso jantar, ali mesmo, e depois de escutarmos cantigas estranhas e belas, depois de vermos um pouco os costumes daqueles índios majestosos, belos, fortes e simpáticos, pensamos em resolver o problema da nossa dormida. O Paulo, com medo, foi arranjar um lugarzinho, aliás bem incômodo, no próprio barco. O Alexandre, mais corajoso, foi pedir ao chefe da aldeia, o Lahuri, para dormir numa das casas dos carajás. Eu... bem, eu, fiquei esperando. A resposta do Lahuri foi uma belíssima lição es-



Índio carajá preparado para as festas. Os enfeites são todos feitos com penas de arar, de "coelheiro", de "cigano" e de gavião

coteira: "Carajá não dorme na casa quando a noite é bonita". Aproveitamos a lição, e, enquanto os índios estendiam suas esteiras na areia da praia, nós dois, eu e o Alexandre estendemos nossas rédes também... E dormimos como nunca. Bem cedo acordamos com o barulho que os carajás já faziam. Antes de partir, já podemos usar um pouco as pouquíssimas palavras da língua carajá que tínhamos aprendido em Conceição: Arákré! Adeus!

Tiramos fotografias coloridas, trocamos presentes por enfeites de penas, e seguimos, em busca dos Tapirapés. No quinto dia os encontramos. Nossa comoção foi grande, pois já sabíamos que esses índios eram de raça tupi, e íamos pela primeira vez ouvir falar a belíssima língua que tanto influenciou

o nosso português do Brasil. Os Tapirapés são índios bem diferentes dos Carajás. São mais fortes, mais esbeltos, guardando muito melhor suas antigas tradições, devido a terem menos contacto com os brancos. Vivem num rio menor e menos bonito, menos conhecido, fora das rotas habituais dos brancos. Os Carajás são nômades, vivem nas praias. Suas casas são de folhas de buriti, fáceis de armar e de desarmar. Os Tapirapés possuem, pelo contrário, casas bem feitas, firmes, de pau a pique e barro, muito melhores e mais bonitas do que as dos nossos caipirás civilizados... Têm alpendre, são bem arejadas, altas e espaçosas. Possuem, ao contrário ainda dos Carajás, roças onde plantam bananas, arroz, melancia, mandioca, fazem farinha, aliás muito gostosa (nós a experimentamos!). Duas freiras e um pa-



Os carajás vestem essa roupagem estranha para dansarem o "aruanã". Feita de palha de buriti e de penas de araras e de "cigano", têm um colorido extraordinário. Aqui o monitor da Guará posa para a posteridade...

dre moram com eles, em casas do mesmo estilo, e com suas respectivas roças também. E procuram fazer, o que é certo, com que os índios tenham o menor contacto possível com os brancos, que raras vezes vão lá com intuídos civilizadores... E assim esses índios conservam seus costumes quase intactos, suas danças, suas cantigas, etc. A única marca de civilização que vimos entre eles foram uns três ou quatro rifles presenteados pelos padres, e uma ou outra pessoa, em geral rapazes e moças entre 16 e 20 anos, vestidos à moda citadina. O resto se vestia de ar e de sol, tendo o corpo coberto de interessantíssimos desenhos pretos e vermelhos.

Passamos um dia com os Tapirapés, e em seguida iniciamos nossa viagem de volta, onde só tenho a fazer notar nossa passagem pelo rio Javahé, e o rápido encontro com dois índios dessa raça. A volta para Conceição foi rápida, pois descíamos o rio, aproveitando ao máximo a ajuda da correnteza. Muitos detalhes interessantes poderíamos escrever, não fôsse o perigo de nos alongarmos demais. Anotaremos apenas alguns, o mais rapidamente possível.

A língua dos carajás. Complicadíssima. Falam-na todo tempo, sem quase abrir os lábios, pronunciando as palavras de maneira terrivelmente gutural. As mulheres falam uma língua completamente diferente da língua dos homens. Uma ou outra vez, os índios nos ensinavam palavras da língua das mulheres, e rolavam no chão de tanto rirem, quando nós, as pronunciávamos; pois para eles é uma vergonha horrorosa um homem dizer uma palavra da língua feminina. Copiei alguns exemplos: *eu* na língua dos homens é "dearã"; na língua das mulheres é "dikarã". Uma frase — "Meu filho me deu arroz" — na língua dos homens: "Uariôre maisumu bedêõ"; na língua das mulheres: "Uá rikôrê makisumu no bedêõkrê". *Avião* é dito pelos homens: biú-héutan; pelas mulheres: bikú-hekotan. Etc...

Pesca. É sempre feita com flechas. Eles vêm os "toris" pescando com anzol, mas orgulhosamente o desprezam. Aliás eles são mais pécitos com suas flechas do que nós com os nossos anzóis.

A língua dos Tapirapés. É um dialeto do tupi, bem próximo da língua geral. Completamente distinta da língua carajá. As mulheres também usam pequena diferença na pronúncia das palavras, mas não tanto quanto os Carajás. Copiei algumas palavras, as mais usuais: *antikantô* significa *obrigado*; quando nos despedimos dizemos: *kantcha-nô-vi* (Já vou!); eles respondem: *pareái!* (Vá bem!)

E foi assim, que cheio de saudades, tristes por deixarmos aquela gente interessante, simples e forte, puzemos em marcha o nosso barco, e à multidão de índios parados em cima do barranco a olhar a nossa partida, gritamos emocionados: "É, Tapirapé, kantcha-nôvi!" E escutamos aquelas vozes roucas e viris que respondiam: "É, tori, pareái!"



Acampamento de Patrulhas do Nordeste

Reportagem de LOBATO

A Região Escoteira da Paraíba promoveu o seu Primeiro Acampamento de Patrulhas do Nordeste, congregando as regiões escoteiras circunvizinhas. O local foi o Campo de Adextramento daquela região e a época foi de 19 a 26 de janeiro deste ano.

A êste Acampamento compareceram representantes de seis Estados, num total de 250 escoteiros divididos em 30 patrulhas, distribuídas por seis sub-campos os quais tomaram nomes históricos de nossa terra. As tropas foram espalhadas pelos diversos sub-campos de tal forma que se verificou a maior autonomia possível da patrulha e uma verdadeira confraternização dos escoteiros de várias regiões.

Os 17 chefes que tomaram parte no Primeiro Acampamento de Patrulhas do Nordeste tiveram ampla oportunidade de trocar idéias nas mesas redondas diárias, organizadas pela direção de Campo. Além destas mesas redondas houve algumas reuniões formais nas quais estudaram-se assuntos especializados.

Assim, durante uma semana inteira, o nordeste viveu uma vida de confraternização, estudos e trabalhos escoteiros. Os programas de atividades foram observados na íntegra. Desde a madrugada do dia 18 de janeiro começaram a chegar as Delegações dos Estados que iam se instalando nos sub-campos. Na

tarde do dia 19 estava todo o Acampamento pronto para ser inaugurado solenemente. Era um domingo e a inauguração se daria com a celebração de Missa por S. Excia. Revma. D. Manoel Pereira, Bispo Diocesano que também ministrou a bênção do Campo.

Os dias que se seguiram foram dedicados, sucessivamente, ao campismo, competições internas, grandes jogos escoteiros, desfiles pelas ruas da Capital, demonstração e visitação pública.

Na manhã de domingo, 26 de janeiro, deu-se o encerramento das atividades, em cerimonia que contou com a presença de altas autoridades, inclusive o sr. Ministro José Américo de Almeida.

O Campo que na véspera fervilhava de escoteiros e visitantes foi, aos poucos, se esvaziando até que nas últimas horas da tarde de domingo tornou-se completamente deserto com a partida do último contingente. Todos os que tomaram parte no Primeiro Acampamento de Patrulhas do Nordeste, ou que tiveram ocasião de visitar e ver de perto esta magnífica atividade que encheu de alegria escoteira tôda uma semana, vibraram de entusiasmo pelo movimento no nordeste sendo todos acordes em afirmar que um grande passo foi dado pelo difusão do Escotismo nestas plagas brasileiras. Agora é preciso não deixar que o entusiasmo se arrefeça, cabendo a cada

(Continua na 3.^a Capa)

Um Símbolo de Mulher

De J CALHEIROS BOMFIM

Não há no Espírito Santo, principalmente, em Cachoeiro de Itapemirim, quem não conheça, por sua notoriedade, a professora dona Zilma Coelho Pinto.

E que fez ela para ser tão popular? Salvou a vida de alguém de modo espetacular? Entrou numa casa incendiada em busca de algum animal de estimação? Descobriu alguma mina de ouro? Ganhou na Loteria Federal?

Não, nada disso. Dona Zilma dedicou-se à causa da alfabetização dos dolescentes e adultos, que, na infância ou na juventude, não puderam sentar-se num banco escolar, ou porque as vicissitudes da vida não o permitiram ou porque não compreendiam então o significado do saber ler e escrever.

Há mais de dez anos d. Zilma, com amor, devoção e carinho, dedica-se ao valioso mister de alfabetizar gente, principalmente gente grande. Nesse trabalho vem sendo auxiliada pela Campanha de Educação de Adolescentes e Adultos, no Ministério da Educação e Cultura, que, de longe, de seu quartel-general na Capital da República, orienta as atividades da professora Zilma e lhe manda auxílio, em material escolar.

Faça bom ou mau tempo, ante os revezes na ventura ou na desventura, no calor ou no frio, d. Zilma nunca faltou ao seu próprio compromisso assumido voluntariamente com os humildes e nunca desatendeu à expectativa de quantos dela dependem. Ensina com afeição, leciona com interesse, transmitindo tudo o que sabe aos seus alunos, de qualquer idade ou profissão, orientando-os para a vida, só voltada para os alunos.

Eis aí um símbolo de mulher, de educadora que bem merecia um lugar especial no quadro de "honra ao mérito".

Honra ao mérito, professora Zilma Coelho Pinto.

Um Jambori undial de Escoteiros-Rádio-Amadores

A propósito da realização nos dias 10 e 11 de maio do corrente ano, de um Jambori Mundial do Ar, em que tomarão parte rádio-amadores escoteiros e rádio-amadores amigos do Escotismo de todos os países do mundo, o Diretor de "Sempre Alerta" recebeu do Comissário de Publicações e Relações Públicas do Secretariado Itnernational do Escotismo, com sede em Ottawa, Canadá, a seguinte carta-circular:

Senhor Diretor:

Como é do conhecimento de V. S.º o Clube Internacional de Es-

coteiros, de Londres, lançou a idéia de um Jambori do Ar, que terá lugar de 10 a 11 de maio do corrente ano, quando todos os rádio-amadores, escoteiros ou amigos de escoteiros, em todos os países do mundo, terão oportunidade de realizar uma cadeia de amistosa comunicação, por meio de radiofonia ou sinais morse.

As estações poderão sair no ar a qualquer hora, de meia noite do dia 9 de maio até meia noite do dia 11 do mesmo mês, em qualquer faixa de rádio-amadorismo e com o

equipamento de conformidade com a licença regulamentar. Além da contribuição pessoal é de esperar-se que as estações de rádio-amadores se prontifiquem a comparecer nas sedes das regiões, grupos e locais de acampamentos, com a cooperação das Ligas e Associações de rádio-amadores, que são convidados a tomar parte neste curioso certame de fraternidade escoteira. Os rádio-amadores escoteiros são lembrados aqui de que devem observar estritamente os preceitos estabelecidos nas respectivas licenças. Não se trata de uma competição e nem haverá prêmios para aqueles que realizarem o maior número de comunicados. Este certame foi organizado unicamente com o fim de estreitar ainda mais os laços de amizade e fraternidade que unem os participantes do movimento, em todos os recantos do mundo. Acredita-se que uma estação com prefixo especial será instalada em Gilwell Park, na Inglaterra. O sinal de chamada, assim como pormenores desta estação serão dados oportunamente.

(1) Secretariado Internacional do Escotismo considera este empreendimento perfeitamente enquadrado no espírito mundial do movimento escoteiro. Nós ajudaremos na realização do Jambori do Ar tanto quanto nos permitirem as condições e sugerimos que todos, na medida do possível, tomem parte nesta atividade. Onde não haja escoteiro rádio-amador a Associação ou Grupo entrará em entendimentos com o Clube ou Liga de Rádio-Amadores do local que estou certo se prontificará em coope-

rar para que os escoteiros entrem em contacto com seus irmãos de outras partes do mundo.

Outras informações podem ser obtidas na Organização do Jambori Mundial dos Escoteiros-Rádio-Amadores, 965-Oxford Road, Tilehurst-on-Thames, Berks. England.

O Secretariado Internacional estará também no ar, na data prevista, pelo menos durante parte do tempo destinado ao Jambori. Um omigo do movimento escoteiro em Ottawa pôs a nossa disposição o seu excelente equipamento rádio-amador e nós esperamos entrar em comunicação com o maior número possível de estações através do mundo. O Diretor do Secretariado Internacional, Major General D. C. Spry, que durante o Jambori estará viajando pelo Japão, se esforçará por tomar parte no certame através da estação de um escoteiro japonês. As secretarias internacionais de Havana e de Manilla também estarão no Ar, por essa ocasião.

Logo que tenhamos mais amplas informações, assim como comprimento de ondas, sinais de chamada, horários, etc. comunicaremos imediatamente a V. S.

Na esperança de que nos encontraremos no ar, no próximo Jambori de 10 e 11 de maio do corrente ano, subscrevemos,

Irmão Escoteiro

(a) Lars-Erik Longstrom

Comissário Executivo de Publicações e Relações Públicas

Palestras de um Comissário Distrital:

A Aprendizagem das Provas de Classe

Em uma das minhas últimas visitas a um dos Grupos Escoteiros de meu Distrito, tive oportunidade de assistir à reunião da Tropa de Escoteiros Júniores.

Fui apresentado aos rapazes no início da reunião mas, como manda a boa norma, deixei o Chefe e seus dirigidos inteiramente à vontade para cumprirem o programa traçado.

Em linhas gerais, foi uma boa reunião.

Após o hasteamento da Bandeira e verificação da frequência houve vários jogos entremeados com a prática ou o ensino de algumas provas de classe.

Os jogos, sobretudo, foram sempre muito animados. Apenas um deles deixou um pouco a desejar pois as regras eram um tanto complexas e houve alguma confusão.

A reunião geral foi interrompida por quinze minutos para que as Patrulhas combinassem o material e o que mais fosse necessário para uma excursão no domingo a seguir.

E finalmente, após o cerimonial devido, foi encerrada a reunião e os escoteiros deixaram a sede.

La esquecendo de dizer que fui convidado a falar-lhes alguma coisa; aproveitei para elogiar a Patrulha dos Lobos cujo canto de Patrulha destacava-se flagrantemente dos demais, conforme pude verificar no correr da reunião.

Fiquei então à vontade para conversar com o Chefe e ele (como sempre acontece) desejou saber minha opinião a respeito da reunião.

Não pude deixar de dizer da minha boa impressão quanto à disciplina e pronto atendimento dos escoteiros, e ainda quanto à animação da reunião, principalmente porque verificara que os rapazes estiveram realmente satisfeitos.

Mas não gostara do sistema de aprendizagem das provas de classe, pois o mesmo fôra feito com muito dirigismo: o Chefe colocava a Tropa do modo mais conveniente exigido pela prova e dava uma demonstração da mesma. A seguir chamava um ou outro dos escoteiros para treinar e incentivava os demais para que repetissem as ações em seus lugares. O Assistente do Chefe verificava e corrigia as imperfeições com que eram feitas as várias etapas de cada prova.

Como era meu dever criticar a parte que não me agradara, fui direto ao assunto perguntando: "Você está realmente convencido que o sistema que adota para aprendizagem das provas de classe é o recomendado?"

Ele percebeu imediatamente do que se tratava e preparou-se para a defesa: "Eu estava até para falar-lhe sobre isto", disse-me. "Tenho tido um progresso bastante animador nas provas adotando o método de intervir pessoalmente no adestramento das mesmas. Como fui escoteiro e cheguei até a obter a Primeira Classe, tenho uma razoável experiência das provas e tenho transmitido aos rapazes todos aqueles detalhes que só o indivíduo experimentado pode conhecer."

E prosseguiu: "Não acha um bom método? Todos participam do adestramento simultaneamente. Mesmo que alguns não estejam ainda ao alcance de certas provas mais difíceis já vão tendo um contato preliminar com elas, e isto lhes facilitará muito depois."

Não quis discutir imediatamente este aspecto e assim perguntei: "Mesmo que isto fosse uma conveniência, não acha que existe alguma contra indicação neste método?"

"Não", disse ele, para meu espanto; mas felizmente acrescentou: "Ou melhor, apenas a falta de material que permita todos os escoteiros treinarem"

obriga-os em algumas provas a fingir, como fazer gestos sem bandeiras, em semáforas, ou a treinar só alguns na frente dos demais, como em primeiros socorros."

Procurei fazer com que êle desse maior importância ao que lhe parecia apenas um pormenor: "Não acha isto um grande inconveniente? As provas de classe devem ser eminentemente práticas e quanto menos fingimento e mais treinamento de todos houver, tanto melhor."

"Bem", concordou o Chefe. "É possível que não deva aplicar êste método em determinadas provas. Mas nas de Noviço não há uma sequer, exceto naturalmente Lei e Promessa, que não permita um bom resultado com êle."

"Você esquece", contestei, "que as provas de Noviço, exceto Lei e Promessa, naturalmente, são da competência das Patrulhas. De outro modo como seria possível aos escoteiros passarem a provas de Instrução a um Aspirante, e aos Monitores realmente se imporem aos novatos e estarem a par de suas competências ou in experiências."

"Quer dizer", perguntou-me o Chefe, "que somente através das Patrulhas é que deve ser feito o adestramento dos escoteiros?"

E logo passou a fazer críticas: "Mas assim as provas serão feitas muito demoradamente e com maus resultados em face da deficiência dos Monitores em determinadas provas".

"A primeira parte de sua observação está certa", respondi. "O adestramento através das Patrulhas é um pouco demorado. Mas não haverá maus resultados técnicos se qualquer deficiência dos Monitores fôr prontamente sanada pela atuação do Chefe. O sistema adequado é você em reunião exclusiva para Monitores verificar o grau de adestramento dos mesmos em determinadas provas, e esta será a ocasião oportuna de corrigir as falhas e até de transmitir a êles sua grande experiência sobre o assunto".

E continuei: "Isto quanto a parte técnica. Mas há o lado educativo muito

mais importante, e não podemos esquecer que esta é a finalidade do Escotismo. Com êste sistema de divisão do trabalho os Monitores passarão a ter maiores responsabilidades para com os membros das Patrulhas. E finalmente terão o seu prestígio muito aumentado, facilitando assim a boa disciplina que deve haver nas Patrulhas".

O Chefe pensou um pouco e ainda tentou uma nova contestação: "Penso que mesmo assim haverá algumas falhas e principalmente o esquecimento de algum rapaz, que ficará marcando passo em certas provas devido à pouca atenção do Monitor para com êle."

Como já esperava êste argumento logo evidenciei: "Mas é justamente esta a missão do Chefe Escoteiro: acompanhar o progresso individual dos rapazes e chamar a atenção dos Monitores quando houver êstes casos, para que sejam sanados por uma maior dedicação àquêles atrasados nas provas. E quanto a pequenas demoras e falhas, isto faz parte do grande jogo que é o Escotismo, e será grandemente recompensado com a formação de caráter que trará para os Monitores como dirigentes e para os escoteiros como participantes de agrupamentos realmente operosos e de apoio mútuo que serão as Patrulhas".

"Não posso deixar de ver que existem boas razões em sua argumentação" disse o Chefe, parecendo mesmo convencido delas. Mas acrescentou uma restrição: "No entanto vinha obtendo uma boa animação das reuniões com as atividades gerais, apesar dos mais adiantados nas provas ficarem por vezes irriquietos com os treinamentos das provas por êles já realizadas".

"Foi por isto, naturalmente, que o Sub-Monitor dos Panteras estava dando piparotes na orelha do escoteiro da sua frente, aproveitando os momentos de descuido da Chefia na instrução de semáforas. Não foi êle que recentemente completou Segunda Classe com aquela prova?", perguntei.

"Sim", respondeu o Chefe; "êle é um rapaz um pouco indisciplinado e só se interessa pelas provas que ainda não passou".

"Eis aí uma comprovação das minhas observações", evidenciei. "Não sou partidário da abolição completa das atividades gerais, mas advogo entusiasticamente as atividades de Patrulha".

"Posso então manter algumas atividades gerais?", perguntou-me ele.

"Certamente", concordei. "Para que o espírito de Patrulha não exagere a ponto de trazer problemas é algumas vezes necessário fazer-se confraternização, principalmente através de jogos gerais, isto é, sem ser por Patrulhas. O problema é dosar as cousas e sei que você terá o bom senso de fazê-lo convenientemente".

"Sugiro que nas reuniões exclusivas para Monitores você desenvolva os assuntos que vão ser evidenciados na reunião geral seguinte. Como atividade intermediária as Patrulhas reúnem-se separadamente nos dias que mais lhes aprouver e o Monitor transmite a seus dirigidos o que aprendeu de você. Todos terão o maior interesse pelo assunto

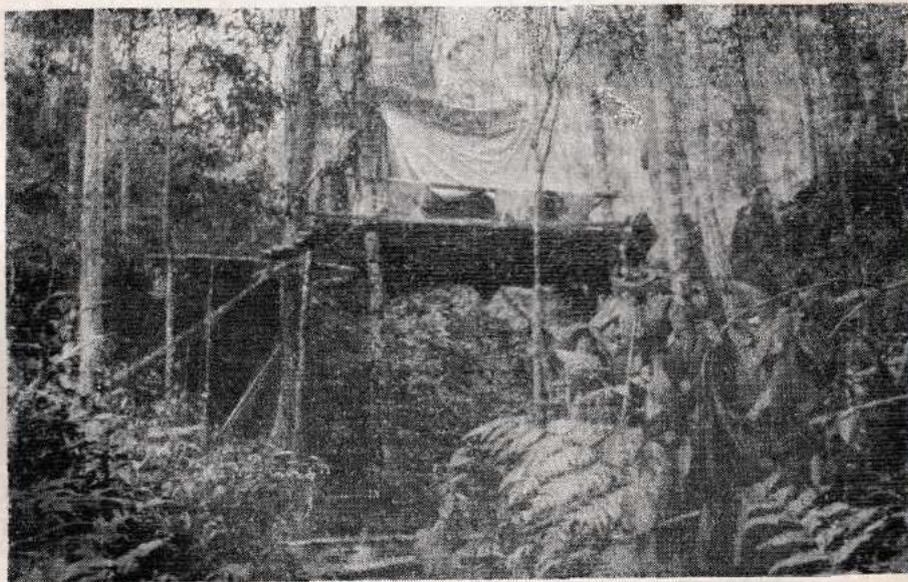
se souberem que haverá disputas entre as Patrulhas na reunião geral sobre o que estão aprendendo."

"Mas as reuniões de Patrulha não ficarão muito insípidas?", perguntou o Chefe. "É esta uma das razões porque eles só fazem pequenas reuniões de Patrulha dentro da própria reunião geral."

"É claro que deverá haver jogos também nas reuniões de Patrulha", esclareci. "Aliás será uma boa norma que os jogos de regras mais complexas, como aquele realizado hoje, sejam bem explicados e treinados no esquema Chefe — Monitores — Patrulhas. Assim serão evitadas as confusões que observei".

E finalizei, despedindo-me: "Espero que você possa dar-me boas notícias com a aplicação do novo sistema."

Ele sorriu confiante: "Assim espero também. Será uma mudança muito proveitosa para toda a Tropa estes novos horizontes para a aprendizagem das provas de Classe."



Um aspecto do Acampamento da Serra da Piedade, Minas Gerais, levado a efeito por Esteiros Paulistas, sob a Chefia de Frei Anselmo (Notícia na página seguinte)

O Acampamento da Serra da Piedade



Vista tomada no alto da Serra. A seta indica o lugar escolhido para o Acampamento. No primeiro plano Frei Rosário, o Eremita daquelas paragens, no seu infalível burrico

Certamente, os colegas que habitam em Belo Horizonte, ou aqueles que chefiam Tropas já antigas, não poderão avaliar nossa "aventura". Nossa Tropa é nova. Ainda não temos 3 anos completos de atividade. Além disso o nosso efetivo é movediço como as areias do deserto... Com três patrulhas júnior, e uns 3 ou 4 seniors — mais ou menos isolados por forças de circunstâncias que são obstáculos reais —, sair de S. Paulo para a Serra da Piedade é, de fato, uma aventura. E o foi, também, na prática. Saimos de S. Paulo às 15,45, no famoso trem chamado "o balano", que é um requinte de falta de comodidade e de segurança. Tencionamos até, pôr, como prova máxima de "regra de segurança", entre as con-

dições para a segunda classe, qualquer coisa sobre o comportamento de um passageiro no "baiano". Depois de trinta e cinco horas de uma viagem, que não foi totalmente incômoda porque a impressionante beleza da paisagem tudo contrabalançava, chegamos a Belo Horizonte. Lá, fomos verdadeiramente mimados. O frei Rosário, um frade dominicano, antigo engenheiro, que habita em uma ermida, no pico da serra, nos esperava na estação com o seu caminhão enorme. Tínhamos de passar a noite no convento dominicano da cidade. Apesar de nossas reclamações, lá já estava preparado um bem reforçado jantar, que foi aceito e precedido de um banho gostosíssimo na piscina dos frades. No outro dia, às 4,30 hs. de

uma manhã fria e escura, o mesmo frei Rosário dava partida no caminhão, em busca da Serra. Viagem maravilhosa, por cima de montanhas, com vistas espetaculares. No caminho parávamos nos lugares históricos para uma visita rápida, mas interessante, devido às explicações que o frei nos dava, êle que conhece e ama Minas, como se Minas fôsse sua Paraíba do Norte, onde nasceu. Foram mais de 6 horas de viagem, além das 35 de "baiano". Iamos para uma região, que sem exagero é das mais belas do mundo, mas que guardava, e ainda guarda, sua beleza, dentro de uma moldura de segredo e de solidão quase intransponíveis: montanhas, penhascos, matas fechadas, abismos e grutas insondáveis.

Para 21 paulistas, todos mais ou menos "flores do asfalto", foi realmente uma aventura, uma aventura fantástica. A solidão do lugar, se juntava a distância, o mistério e a beleza. Tudo durou uns 15 dias.

"Porque a Serra da Piedade, tão longe" — perguntavam certos pais "modernos"?

Uma das razões: pôr à Tropa uma prova de fogo, reavivar-lhe sempre mais o espírito de aventura, pô-la em contacto com um mundo diferente do cotidianismo paulistano. Longe, naquela solidão, em plena natureza, onde tínhamos de fazer tudo; naquela mata cheia de acidentes, onde não encontrávamos dois metros planos, onde se pudesse armar uma barraca; dentro de uma topografia que incitava às mais variadas e difíceis aventuras, — se a Tropa soubesse realmente agir como se deve, isso seria a melhor prova de que êsses quase três anos de luta não tinham sido inúteis.

É certo que nem tudo foi êxito. Houve escoteiros que praticamente "fugiram" da aventura. O acampamento não foi duro. Os monitores e a maioria da Tropa já tinham pelo menos um ano de atividade, de acampamentos mensais, em que "treinávamos" para a grande aventura da Serra. Mas... nem todo mundo foi feito para ser escoteiro, da mesma maneira que nem todos foram feitos para a aviação ou para a marinha...

Bem. Para julgar sôbre a reação dos escoteiros sôbre esse acampamento, nada melhor do que deixá-los falar. E isso o farei, simplesmente copiando alguns trechos do nosso "Livro de Tropa", cujo escriba tem apenas 12 anos, e, como os outros, não sabiam, das intenções que "orientava" a Chefia: o que é um sinal de imparcialidade.

O acampamento estava situado a 80 km de Belo-Horizonte. Fomos de caminhão até o local. Chegando lá os monitores foram imediatamente, com o chefe, escolher os cantos para as patrulhas. O melhor local que êles encontraram foi uma encosta, onde havia um riacho, de água muito boa, o que facilitou muito, como veremos.

Era um lugar que ficava ainda bem distante do pico da Serra, e a uns 12 km. da primeira cidade das redondezas, Caeté. No lugar também havia muito ferro e quando o sol batia fazia um grande reflexo. A gente avisava a Serra bem perto, como na foto 2.

Logo no início houve um grande problema. Como armariamos as barracas se o terreno era íngreme? Logo resolvemos êsse problema com os nossos monitores, e as três patrulhas resolveram o problema suspendendo as barracas. A barraca suspensa consistia em um estrado feito por nós na altura de 2 ou 3 metros (às vezes com "pernas" maiores, conforme o acidente do terreno), e cobriamos o estrado com capim e colocávamos em cima uma lona. Depois levantava-se a haste onde amarrava-se a barraca. Em seguida fazíamos a escada para subirmos à barraca.

Quanto ao resto da pioneiria, em primeiro lugar o fogão, também suspenso. Depois cada patrulha fez sua intendência, mesa, bancos e WC.

Nesse acampamento não houve muitos jogos. Como estávamos em uma região muito bela e que talvez nunca mais fôssemos para aquela região, no lugar de jogos fizemos muitas excursões.

Vou citar só duas das muitas excursões feitas. Primeiramente a da Serra, na qual fomos todos nós, guiados pelo chefe. Chegando em cima, na capelinha, tivemos Missa, terminada com a Promessa de dois dos colegas. Foi em seguida cantado o hino da Pro-

messa. Foi a primeira excursão feita a Serra, e a única com o chefe. As outras fizemos por patrulhas. Quando estávamos no cimo da Serra tivemos uma grande surpresa, que foi a visita do comissário de Belo Horizonte, o Professor Floriano de Paula, juntamente com alguns de seus Escoteiros. Almoçamos todos lá em cima, com os Escoteiros mineiros e o Frei Rosário, pois era aniversário deste. Descemos depois, e nosso acampamento foi visitado pelo Prof. Chefe Floriano e sua Tropa. Parece que eles gostaram muito. Despedimo-nos, e eles voltaram no mesmo dia.

Uma outra excursão foi a de Sabará. Não fomos pela estrada, mas sim pelo mato, pelas montanhas. Como o caminho era muito complicado e não tínhamos mapa, tivemos logo de arranjar um guia (quem descreve, participou da excursão). Saimos do acampamento às 5,30. Fizemos algumas paradas, pois era muito duro. Quando eram 10,30 tínhamos percorrido 80 quilômetros, e chegamos em Sabará. Lá almoçamos sanduíches num bar, e fomos visitar a cidade. Visitamos as belas igrejas de lá, e o Museu do Ouro. Às 16,30 partimos de volta. Na volta a maior parte do caminho era subida, e o Museu do Ouro. Às 16,30 partimos de volta. Na volta a maior parte do caminho era subida, e bem cedo começou a escurecer, e só chegamos ao acampamento às 11,30 da noite.

Houve muitas outras excursões: Roças Novas, Fonte do Milagre, Fazenda do Governo, Asilo, etc. etc. . .

Entre os 15 dias que acampamos, houve no sétimo uma gincana, da qual participaram as 3 patrulhas. Várias eram as provas, e como algumas eram muito difíceis, houve um dia de treino, sem contagem de pontos. Havia ponte de macaco, saltos em altura, lançamento de peso, rastejamento, e muitos outros obstáculos. . . Durou uma tarde inteira, pois havia muita coisa. A vitória foi da patrulha Águia, vindo a Jaguar em segundo lugar e a Guará em terceiro. (Foto 3)

Todos os dias havia Missa, não obrigatória, mas havia sempre muitos escoteiros lá, que assistiam à Missa e comungavam. Eram celebradas pelo

nosso capelão o Padre André, ou pelo Chefe, o frei Anselmo. Depois da Missa tínhamos café e asteamento da Bandeira. Logo após havia inspeção feita pela chefia ou pelos monitores. Depois era o momento em que uma patrulha fazia uma excursão, ficando sempre outra no acampamento. Depois havia almoço, onde havia competição entre as patrulhas. À tarde lavávamos as roupas, as panelas, pioneiria, e mesmo outras excursões. Depois do jantar havia a "vigília", que é o seguinte: Cada patrulha faz sua fogueira, e o monitor lê e explica um trecho do Evangelho (em geral o da Missa do dia seguinte), e depois se fala sobre os problemas da patrulha naquele dia, e se começa a cantar, até dar sono. . . Fogo do Conselho, isto é, "vigília" de toda a Tropa junta, só houve na última noite, para ser mais solene. Aí o frei Rosário, que tanto nos ajudou, esteve presente, e foi homenageado. No fim ele falou para nós, e disse, entre outras coisas, que confiava muito no Escotismo, porque ele trazia para o mundo de hoje, uma mensagem de amor à solidão da natureza e à pobreza voluntária. Houve até um caso muito interessante. O frei Rosário mora em cima da Serra, sózinho, pois é eremita. O Nelson (Guia), no meio do Fogo, faltando assunto, nas disputas clássicas da "Barquinha de Noé", soltou o versinho conhecido: "Em cima daquela serra — Tem um velho gaioleiro — Quando vê moça bonita — Faz gaiola sem ponteiro". O frei Rosário não conhecia o verso, e tomou para ele a afronta, ficando o Nelson, durante todo o resto do tempo, com a cara enfiada. . .

Acho que esse acampamento, em diversos aspectos, foi talvez o melhor feito até hoje, nos 3 anos de existência de nossa Tropa.

O escriba da Tropa Itapuan: José Alexandre Villac (vulgo Zéla), da patrulha Jaguar.



Uma experiência de Pioneiros Franceses durante o Serviço Militar

(Trad. da revista dos Pioneiros franceses "La Route" - nov. 1957).

Convocado em setembro de 1956, foi na cidade de Nimes meu primeiro quartel. Como todo soldado, tive, antes de tudo, de me familiarizar com a vida militar. Depois, notando que muito tempo me sobrava, decidi fazer um pouco de *escotismo*. Entre os 1.500 camaradas de farda, havia muitos antigos escoteiros, que entretanto não faziam outra coisa senão ficar tranquilos, cada um no seu canto. Foi quando encontrei alguns antigos pioneiros, e decidimos fundar um Clã. No início todos nos olhavam com desconfiança, pois por aquelas plagas, nunca se tinha ouvido falar de Clã, muito menos num quartel. Mas, pouco a pouco, conseguimos ganhar a confiança dos nossos superiores que chegaram ao cúmulo de nos ceder material do próprio exército para as nossas excursões.

Como uma excursão de pioneiros deve ter sempre um caráter de SERVIÇO, nossa primeira grande saída, teve como finalidade o balisamento de 10 quilômetros de estrada para um itinerário turístico. Depois outras excursões se sucederam.

Mas logo cedo nos apercebemos que nos estavam faltando atividades diretamente guiadas no sentido de um real "serviço ao próximo". E imediatamente descobrimos meios de encher essa lacuna: com nossos braços e com o material do exército, fornecido pelos superiores, transformamos velhos vagões de estrada de ferro em belos baracões decentemente habitáveis. No fim de 4 meses o nosso trabalho era uma realidade tangível: uma dezena de famílias pobres tinha um lugar para morar.

Depois dirigimos nossos olhares para o próprio quartel, onde as distrações são raras. Decidimos montar um teatro de variedades. Um mês de trabalho. O clã se transformava em atores, maquinistas, etc. O êxito foi extraordinário... a ponto que não acreditávamos no que víamos. O coronel, os oficiais, e o quartel inteiro se achava lá, na tarde do primeiro espetáculo. Depois, como a coisa estava indo para frente mesmo, um oficial veio nos ajudar, e nosso programa de distrações

para o quartel aumentou: teatro, filatelia, clube fotográfico, etc... Até cinema conseguimos organizar todas as noites! Fundamos também um comitê de acolhimento, que consistia no seguinte: uma documentação de todos os novos convocados, que chegavam às centenas, cada semana, afim de ajudá-los na administração do quartel.

A parte religiosa não foi esquecida. Tínhamos também uma equipe de Liturgia, que explicava e animava as Missas do domingo, que passaram assim a serem muito mais frequentadas.

Entretanto nossas excursões continuaram, no ritmo de duas por mês. (...)

O estágio nesse quartel durou 4 meses. Antes da dispersão fundamos um outro Clã que continua o mesmo trabalho, com ardor. Graças à nossa experiência, as suas realizações são agora muito mais interessantes. Nós, por nosso lado, nos sentimos felizes, por não termos sido inúteis à nossa Pátria, ajudando a descobrir, no quartel, o ideal pioneiro. Temos mesmo a certeza de que, por nosso intermédio, vários dos companheiros descobriram o caminho que leva ao Cristo...

No momento em que escrevo, a vida militar separou o nosso Clã em duas partes. Uns foram para Auxerre, outros para Rochefort. Mas, antes de partir prometemos, uns aos outros, AGIR sempre, em qualquer lugar.

A experiência nos tem mostrado, dessa maneira, que o quartel é um campo onde o serviço pioneiro pode ser cultivado de modo apaixonante.

Gilbert Leclercq.....
Rochefort (Ch.-M.)

ACAMPAMENTO DE...

(Conclusão da pág. 20)

tropa e a cada chefe que aqui compareceu, aproveitar o exemplo para a programação de novas e salutar atividades. Como muito bem figurava Baden Powell, o Escotismo é uma árvore de frutos sadios e maduros. Mas são frutos que só caem se sacudirmos o tronco.



Possuir algum dinheiro em depósito, ganho com o próprio esforço, é uma das exigências de prova para que o Escoteiro possa usar o distintivo de classe. Reza o artigo 9.º da Lei Escoteira que “O Escoteiro é econômico e respeita o bem alheio.”

Isto evidencia o alto valor educativo do Escotismo e a **CAIXA ECONÔMICA FEDERAL** saúda os Escoteiros do Brasil que assim trazem o seu esforço leal e perseverante pela independência econômica e pela grandeza de nossa Pátria.